

Combate aos (a)críticos

Silvio Guimarães Pedrosa*

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru, SP: Edusc, 2005. 284p.

Segundo juízo proferido há quase vinte anos, o autor do livro, ora resenhado, “não é um intelectual em disponibilidade, sempre predisposto a embarcar na onda dos modismos”²⁷⁰.

A publicação aqui analisada (uma coletânea de ensaios versando sobre teoria e metodologia da história) reitera a opinião de Leandro Konder, acima citada. O próprio título já é, em si, uma provocação. Em conferência proferida no XVII Ciclo do Laboratório de História Antiga (UFRJ), ouvi-o dizer que se enfadava fortemente com certas perspectivas contemporâneas acerca do dilema entre realismo ou anti-realismo epistemológico, no campo da História, posto que, em sua grande maioria, elas se originavam de reflexões de profissionais sem nenhuma experiência prática (arquivística) nos estudos históricos. Mencionava, na ocasião, Hayden White e Dominick LaCapra.

Creio, portanto, poder entender o título como provocação inicial dos enfrentamentos empreendidos pelo autor, durante toda a coletânea, a três vertentes que muito influem nas formulações e perspectivas atuais a respeito do ofício do historiador, a saber: o neoconservadorismo, o pós-modernismo e a nova história cultural.

Folheando as páginas do livro, o leitor se deparará com uma amplitude temática considerável.

Desde discussões relativas aos conceitos de tempo e espaço (capítulos 1 e 2) até ensaios a propósito do debate epistemológico que, atualmente, envolvem as possibilidades cognoscitivas da história-disciplina (3, 4 e 5), passando por problematizações acerca da história da leitura e da arte (9 e 11), ou até mesmo um debate atinente às relações entre os

* Graduando em História pela UNIRIO. Ainda que totalmente exterior a temática de pesquisa que desenvolvo, como bolsista IC/UNIRIO, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Guimarães Sanches, tal trabalho se beneficiou do aporte financeiro recebido e, certamente beneficiará as discussões mais teóricas a serem empreendidas no decorrer da pesquisa.

²⁷⁰ KONDER, Leandro. *Intelectuais brasileiros e marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991. O esboço biográfico de alguns dos mais importantes autores das ciências sociais brasileiras e suas relações com o marxismo contidos no livro podem ser lidos, ainda, no jornal *Tribuna da Imprensa*. Referimo-nos aqui ao datado de 27/12/90.

conceitos de sociedade e cultura (12), o livro apresenta a vasta erudição de seu autor no trânsito pelo mais diversos campos.

A própria trajetória intelectual de Ciro Cardoso referenda as afirmações, uma vez que tal autor, a despeito de ter se doutorado em História da América se dedica, já há muitos anos, ao estudo da História Antiga, com ênfase no estudo do Egito Antigo. Publicando inúmeros trabalhos em diferentes áreas, dedicou-se já ao estudo da história colonial das Américas e participou de famosos debates ocorridos, sobretudo nas décadas de 70 e 80, acerca do modo de produção escravista colonial, no qual teve interlocutores como Fernando Novais, Jacob Gorender, entre outros.

As minúcias e detalhes de uma obra, segundo cremos, devem ser apreendidos na sua leitura, de sorte que não enveredaremos por uma exposição capítulo a capítulo da mesma, encargo que confiamos aqueles que, a partir da leitura desta resenha, ou de outra maneira, se interessem em fazê-lo.

Nossa intenção manifesta nesta resenha é abarcar os sentidos mais unívocos da obra em questão, sublinhando ainda as continuidades e rupturas que podem se auferir na leitura da obra mais vasta deste autor e em sua comparação com outras, igualmente preocupadas com os rumos da historiografia contemporânea.

As reflexões a respeito das possibilidades de apreensão do real nas pesquisas e estudos históricos têm provocado ao longo das últimas décadas uma série de debates que, sob o influxo de algumas vertentes da antropologia, teoria literária e lingüística, por exemplo, se radicalizou a tal ponto, que passou-se a veicular a idéia, segundo a qual, o historiador se debruçaria apenas sobre si mesmo, num esforço unicamente estetizante²⁷¹.

Por outro lado, a cientificidade específica da disciplina histórica foi denegada a partir das conclusões de que se trataria, no bojo da exposição das pesquisas históricas, de conferir caráter narrativo a fatos que não possuem nenhum sentido em si. A partir de figuras retóricas unificadoras (metáfora, metonímia, sinédoque, ironia) o sujeito articulava as construções de sentido, totalmente extrínsecas ao objeto, pela imaginação “meta-histórica”²⁷².

Quanto a este quadro, toscamente traçado acima, Ciro Cardoso adverte logo no limiar de seu livro, ora resenhado, que se trata de uma das duas polêmicas às quais ele esteve envolvido ao longo de sua carreira como historiador, sendo a outra, a querela ante o

²⁷¹ JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Editora Contexto, 2001. pp. 93-108.

²⁷² WHITE, Hayden. *Teoria literária e escrita da história*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1991. pp. 21-48.

“enfoque da História que unia – nem sempre com consciência de o fazer – positivismo e historicismo” (p.7), segundo ele mesmo uma concepção forte ainda nos anos 70, na América Latina.

Em outras incursões Cardoso já havia enfrentado tais problemáticas e, segundo nos parece, ao longo dos vinte anos que separam sua primeira escaramuça²⁷³ contra o que Carlo Ginzburg denominou ser uma “máquina de guerra cética” e a obra aqui abordada, suas posições se alteraram, sobretudo no tocante ao que consideramos ser o aspecto mais confuso de sua crítica ante as tendências anti-realistas: a homogeneização da tendência, certamente muito mais preenchida por gradações e não abrangente de um sem-número de historiadores não passíveis de atrelamento a posições pós-modernas.

Já em seu segundo texto mais significativo a respeito, o autor já havia problematizado melhor tal aspecto procedendo inclusive a algumas concessões, muito pertinentes a nosso ver, por exemplo, às práticas da micro-história e suas preocupações no estudo do particular como possibilidade de encontrar inconsistências em sistemas normativos mais gerais. Continuava, entretanto a objetar contra as “considerações sobre narrativa e discursividade” de Giovanni Levi²⁷⁴.

Em sua obra mais recente, aqui abordada, as apreciações a respeito da heterogeneidade de tais tendências parecem ganhar mais corpo a ponto de o próprio Levi ser eleito como boa consulta àqueles interessados a uma crítica contra o relativismo extremado de matriz geertziana. Ainda assim, tal deslocamento e problematização que subjazem a tais aquiescências não eliminam por completo as deficiências que a homogeneização das tendências por vezes ocasiona no texto do autor.

Outro elemento do exame de Ciro Flamarion Cardoso que se revela contínuo em suas obras é a preocupação em estabelecer diálogo entre as tendências da ciência contemporânea (entenda-se: ciências naturais) e as tendências das ciências sociais, mormente a história, fato que nos parece bastante original entre a bibliografia brasileira disponível sobre tais assuntos. “O que a ciência contemporânea ache a respeito do tempo [e do espaço – observação nossa] será pertinente para a sua construção nas ciências sociais e humanas? Minha opinião é que sim” (p. 14).

²⁷³ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Ensaios racionalistas: filosofia, ciências naturais e história*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

²⁷⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion. “História e paradigmas rivais” In: CARDOSO, Ciro & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios sobre teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

No tocante às discussões aparentemente mortas acerca do evolucionismo na análise cultural, Ciro Cardoso, demonstra cabalmente a vivacidade que este ainda possui quando tratamos de investigar realidades mais afastadas no tempo, como a História Antiga, seu objeto de dedicação há anos, como já dito, e a arqueologia pré-histórica. Proporcionado-nos observar o quanto se escamoteia quando se fecha os olhos ante as “certeza” de uma história desprovida de sentido²⁷⁵.

Caso, portanto, o leitor interessado nas discussões mais propriamente epistemológicas acerca da história enquanto disciplina enverede pela leitura do livro encontrara, para além das discussões que se centram nos aspectos discursivos e não-discursivos da realidade a ser conhecida pelo historiador, abordagens bem originais e de grande interesse.

A certa altura pode-se ler que seja “estranho - e lamentável – que os debates a respeito da possibilidade ou não do realismo [epistemológico] costumem deixar de lado o que a Paleoantropologia e a Neurobiologia contemporâneas possam dizer sobre o assunto” (p.57). E isso não significa a ausência da discussão a respeito da narratividade e suas conexões com o mundo real. Sobre a descontinuidade entre ambas, decorrente do fato de a vida, supostamente, não possuir uma estrutura narrativa conformada àquela a qual o historiador construirá *a posteriori*, afirma o autor:

“Se o que ocorre na experiência é um instrumento ou um obstáculo para nossos projetos, desejos e esperanças, a vida não se configura como uma seqüência desestruturada de eventos isolados”

“A estrutura da ação (passado/presente/futuro, começo/ meio/ fim) é comum ao texto e à vida, à narrativa e à realidade” (p. 66).

Debatendo constantemente com as tendências aqui já afirmadas, o autor afirma àqueles defensores da, onipresentemente, advogada pós-modernidade que “nenhum dos grandes problemas suscitados pela Modernidade e pelo capitalismo foi resolvido” (p.83), advertindo ainda para o risco da hegemonia incontestada do *homo symbolicus*, visto que se os “processos de semiose estão, sem dúvida, presentes em tudo no mundo social humano [...] não o esgotam. Pretender o contrário é apenas mais um tremendo reducionismo” (p.85).

²⁷⁵ Tema que, aliás, que pôde chamar a atenção de um filósofo como Remo Bodei aos debates ocorridos no campo da história-disciplina. Ver BODEI, Remo. *A história tem um sentido?* São Paulo: Edusc, 2001.

Em capítulo destinado a uma pequeníssima história da historiografia da Antigüidade até 1930, Cardoso tenciona evidenciar o quão grandes podem ser os impactos “das mudanças e conflitos sociais [...] sobre as concepções e a configuração da disciplina histórica” (p. 158). Assumindo assim a própria transitoriedade do conhecimento produzido em ciências sociais, ou seja, o caráter relativo que este certamente possui.

Noutra passagem, afirma as deficiências de uma de suas próprias influências intelectuais predominantes: o marxismo. Tratando da dicotomia base/superestrutura, assume como Maurice Godelier, a inseparabilidade de mental e material em qualquer análise, minimamente preocupada com uma perspectiva globalizante. Não deixa, porém de alertar para o fato de que tal assentimento tem sido usada no sentido de privilegiar o mental em detrimento do material.

Logo, tais passagens, se integram bem numa obra com pretensões de debate da cena contemporânea, pois ressaltam aos olhos do leitor a própria postura auto-crítica que o autor adota, concedendo relatividade aos conhecimentos que ele próprio produz.

Nos capítulos destinados a questões mais “setoriais” como o próprio Cardoso alerta, há discussões de interesse, sempre bem fundamentadas e, o mais importante, fugindo da rigidez acadêmica que por vezes resguarda a certos rincões temáticos algumas discussões que podem bem interessar a outros. Neste sentido a discussão sobre etnia, nação e mundo pré-moderno (cap. 8) é exemplar.

Na parte final do livro, encontramos uma pertinente discussão acerca dos conceitos de *cultura* e *sociedade*. Rivals ou complementares, indaga-se o autor, para logo enunciar sua discordância para com as pretensões, que os fautores do conceito de cultura apregoam, de substituição de um termo como sociedade para algo caracterizado pelo autor como um “conceito-obstáculo” dada a polissemia e, por vezes, seu uso auto-explicativo por alguns autores.

Se as temáticas privilegiadas ou a imensa erudição com a qual o autor trata de problematizar tais assuntos já não fossem razão suficiente para indicar a leitura deste livro, há de se pesar, ainda, a postura sempre claramente crítica ante qualquer dos temas, fato que em tempos de paralisia crítica diante dos problemas que se colocam, qualifica ainda mais tal obra.

No tocante aos debates acerca do quê poderíamos encarar, com a aprovação de Cardoso, como um verdadeiro dilema da teoria do conhecimento, o autor é enfático na sua

defesa de uma postura realista, pressuposto sem o qual a própria ciência não pode sustentar a própria existência.

Ora, tal defesa e postura têm sido comuns também para outros historiadores, sob os gradientes mais diversos e ao levarmos em conta as contribuições de outros autores ao debate, podemos situar melhor a posição contida no livro que aqui vimos comentando.

Como já afirmado há alguns posicionamentos confusos na obra mais geral e, até mesmo, nesta obra específica, segundo cremos, sobretudo em decorrência da genérica classificação atribuída pelo autor ao que seria pós-modernismo e quais autores se inseririam no interior dessa vertente. Destarte, ocorre por vezes que as miras da crítica do autor pequem por escopo muito amplo, causando assim um “estrago” menor do que poderia, caso se ativesse a atacar mais cirurgicamente o problema.

Um exemplo claro parece ser, por exemplo, a censura feita por Ciro Cardoso a Josep Fontana motivada pelas “demasiadas concessões” feitas pelo autor, segundo Cardoso “às posições ‘perspectivistas’ ou ‘dialógicas’, sob a influência, ao que parece, da assim chamada Escola de Frankfurt, que (...) em sua fase mais recente, é uma corrente para marxista que, no fundamental, compartilha fortemente de posições pós-modernas” (p. 109, nota 20). Como não especifica nenhum integrante da Escola, torna-se difícil identificar a quais integrantes deste grupo se dirige, sendo, entretanto, ainda assim difícil imaginar um autor como Jürgen Habermas como tendencialmente ligado à posições pós-modernas.

O que aqui parece acontecer é uma generalização equivocada, segundo se acredita, pelo autor. Preocupado que está, muito justificada e proveitosamente, em estimular mais o diálogo entre ciências naturais e sociais, o autor parece fazer poucas concessões ao fato de que, ainda que a aproximação que propõe seja acertada, ela não resolve por si só os problemas de cientificidade dos domínios da história, enquanto disciplina.

Posicionamentos diversos, de Chartier a Ginzburg, passando por Jörn Rüsen, podem servir, então, como contraponto a isto. Para o primeiro dos autores citados, seria bem-vinda uma culturalização da história social, enfocando-se principalmente a “construção discursiva do social e [a] construção social do discurso”²⁷⁶. Cede-se aí, talvez demais, ao caráter discursivo da possibilidade de apreensão da realidade.

Carlo Ginzburg, por exemplo, problematizando mais tal particularidade e trazendo à baila para a discussão os problemas mais concretos de método de pesquisa, polemizou com

²⁷⁶ CHARTIER, Roger. *A história hoje: dúvidas, desafios e propostas*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 7, n. 13, 1994. p. 110.

Hayden White e, em menor grau, com François Hartog, pela sobrevalorização dada por estes autores ao que há de imaginário (o que White denominou *imaginação histórica*) na composição do discurso histórico que expressa os resultados das investigações.

Contra este posicionamento, Ginzburg alerta para “a redução unilateral desse entrelaçamento [das várias etapas do fazer historiográfico] tão complexo à ação imune a atritos do imaginário historiográfico”, argumentando que “se não tivesse sido capaz de corrigir suas imaginações, expectativas ou ideologias com base nas indicações (às vezes desagradáveis) provenientes do mundo externo, a espécie *Homo sapiens* teria perecido faz tempo”²⁷⁷.

Assemelha-se assim a uma compreensão mais global da sistematização interdependente das várias etapas do trabalho historiográfico, ou o que Jörn Rüsen conceitua como sendo a *matriz disciplinar* possibilitadora das pretensões de racionalidade e cientificidade específicas da ciência histórica, incluindo aí tanto a prática do ofício, com suas perspectivas, métodos e exposições, quanto as funções orientadoras da práxis vital, ou seja, a vinculação legitimadora desta ciência com a consciência histórica oriunda de um contexto social determinado.

Neste sentido, a reflexão deste último autor enuncia uma *razão histórica*, específica, melhor ajustada para se compreender o ofício enquanto uma integração de várias etapas distintas, desta forma, de maneira menos unívoca²⁷⁸.

Tais aproximações cedem mais a algumas das contribuições inegáveis daquilo que se afirma como pós-moderno em história, quais sejam estas, o chamar a atenção, por exemplo, para a exposição das pesquisas e do caráter narrativo que esta, invariavelmente, possui, do que o texto de Ciro Flamarion Cardoso. Muito embora este, não deixe de notar, sob a influência de Adam Schaff que qualquer tendência, tem sempre um núcleo racional que deve ser levado em conta para os desdobramentos posteriores da ciência em questão, a história.

Mais uma vez, cremos que o escopo muito amplo prejudique a crítica deste autor, sendo talvez esta a maior deficiência da obra, de alto nível em todos os outros sentidos e ambições.

Isto, entretanto, não desautoriza a leitura atenta que se deve ter desta importante contribuição brasileira ao debate epistemológico contemporâneo em história. Todo aquele

²⁷⁷ GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: falso, verdadeiro, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 328.

²⁷⁸ RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história, os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UNB, 2001. pp. 26-38, especificamente, e a obra como um todo.

interessado em obter melhores perspectivas e argumentos nesta discussão, deve ler a obra, porquanto, o autor da mesma seja um dos autores mais preocupados com os rumos da ciência histórica. E desdobra esta preocupação em argumentos bem embasados em enorme erudição e rigor crítico admiráveis.

Não bastasse isto para que a obra fosse leitura indispensável para infundir maior exatidão crítica nas novas gerações de historiadores, a obra convida o leitor a não permanecer passivo ante as tendências teóricas e metodológicas da profissão, ou seja, a não continuar acrítico. Mais ainda, a assumida politização das análises do autor face questões sócio-políticas contemporâneas, de igual modo, qualifica a publicação, enquanto obra também preocupada com os rumos da História mesma.